

## COMPORTAMENTO ESCOLAR: INDISCIPLINA OU PEDIDO DE AJUDA?

Gláucia Viana Maciel<sup>1</sup>

### RESUMO

O presente artigo tem como objetivo refletir sobre o comportamento escolar, analisando situações em que atitudes consideradas indisciplinadas podem representar manifestações emocionais dos alunos. A partir de experiências do cotidiano escolar, discute-se a influência de fatores externos, como vivências familiares e exposição a conteúdos inadequados, no comportamento infantil. Fundamentado em Vygotsky, Wallon e Libâneo, o estudo destaca a importância de práticas pedagógicas que integrem acolhimento, escuta e estabelecimento de limites.

Palavras-chave: Comportamento escolar; Indisciplina; Emoções; Educação; Desenvolvimento infantil.

### ABSTRACT

This article aims to reflect on school behavior, analyzing situations in which behaviors considered indiscipline may represent students' emotional manifestations. Based on real school experiences, it discusses the influence of external factors on children's behavior. Grounded in Vygotsky, Wallon, and Libâneo, the study highlights the importance of pedagogical practices that integrate care, listening, and boundaries.

Keywords: School behavior; Indiscipline; Emotions; Education; Child development.

### INTRODUÇÃO

Nos últimos anos, o ambiente escolar tem enfrentado um aumento significativo de comportamentos considerados inadequados ou indisciplinados por parte dos alunos. Situações como desatenção, dificuldade em seguir regras, resistência às atividades propostas e conflitos interpessoais têm se tornado cada vez mais frequentes no cotidiano das salas de aula. Diante desse cenário, surge uma inquietação importante: até que ponto esses comportamentos representam, de fato, indisciplina, e em que medida podem ser compreendidos como manifestações de necessidades emocionais, sociais ou até mesmo psicológicas dos estudantes?

<sup>1</sup> Mestranda (desde 2024) pela Universidade Internacional ENBER. Pós-graduada lato sensu em Gestão Escolar: Orientação e Supervisão (Centro Universitário Barão de Mauá, 2017); Psicopedagogia – Orientação e Supervisão (Centro Universitário Barão de Mauá, 2015); Psicomotricidade (Faculdade São Luís, 2019); e Alfabetização – Leitura e Escrita (Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2023). Graduada em Pedagogia pela Faculdade Integradas Maria Thereza, Niterói/RJ (2009). Professora alfabetizadora da Rede Municipal de Maricá desde 2013 e, desde 2016, atua como gestora escolar na rede municipal. E-mail: glauciavianas.gv@gmail.com

Tradicionalmente, a indisciplina é compreendida como a quebra de normas estabelecidas pela escola, sendo frequentemente tratada por meio de medidas corretivas ou punitivas. No entanto, essa perspectiva, quando adotada de forma isolada, pode limitar a compreensão do comportamento do aluno, desconsiderando fatores externos e internos que influenciam diretamente sua forma de agir. Questões como vivências familiares, experiências de perda, dificuldades de aprendizagem, bem como a necessidade de atenção e pertencimento, podem estar diretamente relacionadas às atitudes observadas no ambiente escolar.

Nessa perspectiva, o desenvolvimento e o comportamento dos alunos não podem ser compreendidos de forma isolada do contexto social em que estão inseridos. De acordo com Lev Vygotsky (1991), o desenvolvimento humano ocorre por meio das interações sociais, sendo o comportamento resultado das relações estabelecidas no ambiente em que o indivíduo vive. De forma complementar, Henri Wallon (2007) enfatiza a importância das emoções no processo de desenvolvimento, destacando que aspectos afetivos e cognitivos são indissociáveis e influenciam diretamente a aprendizagem e o comportamento.

Além disso, a escola, enquanto espaço formativo, possui papel fundamental na mediação dessas relações, não se limitando à transmissão de conteúdos. Nesse sentido, José Carlos Libâneo (1994) ressalta que a prática pedagógica deve considerar o aluno em sua totalidade, promovendo não apenas o desenvolvimento cognitivo, mas também a formação social e emocional.

Diante disso, torna-se fundamental repensar o olhar da escola sobre o comportamento dos alunos, ampliando a análise para além da simples categorização como indisciplina. É necessário compreender o estudante em sua integralidade, reconhecendo que, muitas vezes, o comportamento pode se configurar como um pedido de ajuda que não encontra outra forma de expressão.

Dessa forma, o presente artigo tem como objetivo refletir sobre o comportamento escolar, buscando diferenciar situações de indisciplina de manifestações que indicam necessidades emocionais dos alunos, bem como discutir o papel da escola na construção de práticas pedagógicas mais acolhedoras, sem perder de vista a importância dos limites e da organização do ambiente educativo.

## **METODOLOGIA**

Este estudo caracteriza-se como uma pesquisa qualitativa, de caráter descritivo, baseada na análise de situações vivenciadas no cotidiano escolar. A investigação foi construída a partir da observação e reflexão sobre práticas pedagógicas, considerando a relação entre comportamento escolar e aspectos emocionais dos alunos.

## **DESENVOLVIMENTO (RESULTADOS E DISCUSSÃO)**

A compreensão do comportamento escolar exige um olhar ampliado sobre as múltiplas dimensões que envolvem o desenvolvimento infantil. Nesse sentido, a indisciplina não pode ser analisada apenas como descumprimento de regras, mas como uma possível manifestação de aspectos emocionais, sociais e familiares que atravessam a vida do estudante. Conforme aponta Lev Vygotsky (1991), o desenvolvimento humano ocorre nas interações sociais, sendo diretamente influenciado pelas experiências vividas no contexto em que o sujeito está inserido.

A partir dessa perspectiva, situações do cotidiano escolar evidenciam que muitos comportamentos considerados inadequados estão, na verdade, relacionados a vivências emocionais significativas. Um exemplo disso pode ser observado em um aluno de nove anos, com altas habilidades, que, após a perda do pai, passou a apresentar comportamentos de difícil manejo no ambiente escolar. Mesmo após um ano do ocorrido, o estudante demonstrava fragilidade emocional, refletida em atitudes inicialmente interpretadas como indisciplina. No entanto, ao aprofundar o olhar sobre a situação, torna-se evidente que tais comportamentos não estavam relacionados a dificuldades de aprendizagem, mas sim ao impacto emocional decorrente da perda familiar.

Esse caso evidencia a importância de a escola reconhecer que o tempo emocional da criança nem sempre acompanha o tempo cronológico dos acontecimentos. De acordo com Henri Wallon (2007), as emoções exercem papel central no desenvolvimento infantil, influenciando diretamente a forma como a criança se relaciona, aprende e se expressa. Assim, comportamentos considerados inadequados podem, muitas vezes, representar tentativas de externalizar sentimentos que ainda não foram plenamente elaborados.

Outro caso relevante refere-se a um aluno de nove anos que, ao afirmar aos colegas que possuía mais conhecimento do que eles, envolveu-se em um episódio de agressividade. Diante da reação dos colegas, o estudante, em um momento de descontrole emocional, ameaçou os demais e chegou a ferir uma colega. Ao ser encaminhado à equipe gestora, expressou, em meio ao choro e à exaustão, a frase: “Não aguento mais!”.

A escuta sensível da equipe possibilitou compreender que o comportamento apresentado estava relacionado ao acesso precoce e recorrente a conteúdos inadequados para sua faixa etária, especialmente conteúdos de natureza sexual, aos quais teve contato por meio de um familiar. Tal situação evidencia como experiências externas ao ambiente escolar, sobretudo no contexto digital, podem impactar significativamente o equilíbrio emocional da criança, desencadeando comportamentos que, à primeira vista, poderiam ser classificados apenas como indisciplina.

Diante dessas situações, torna-se evidente que a intervenção da escola precisa ir além de medidas punitivas, assumindo um caráter formativo, acolhedor e intencional. No caso do aluno que vivenciou o luto, a escola compreendeu a necessidade de um olhar diferenciado, reconhecendo suas fragilidades emocionais e desenvolvendo projetos voltados ao trabalho com as emoções. Essas ações envolveram não apenas o estudante, mas toda a turma, promovendo a construção de valores como empatia, gentileza e respeito, além de incentivar a compreensão de que todos os alunos carregam vivências externas que influenciam seu comportamento.

No caso do aluno que apresentou comportamento agressivo, a escola adotou uma postura equilibrada entre responsabilização e acolhimento. O estudante foi advertido pela ação cometida, reconhecendo a importância dos limites e das regras no ambiente escolar. Contudo, paralelamente, foi acolhido pela equipe pedagógica, que buscou compreender as motivações de seu comportamento, garantindo que suas emoções fossem legitimadas e trabalhadas de forma adequada.

A partir da compreensão de que o episódio estava diretamente relacionado ao uso inadequado da tecnologia, a escola implementou um projeto voltado ao uso consciente da internet. A proposta teve como objetivo promover a reflexão dos próprios alunos sobre os limites e possibilidades do ambiente digital, orientando-os quanto ao que é adequado para sua idade, bem como incentivando o uso responsável e seguro das ferramentas tecnológicas. Ao relacionar a vivência concreta do aluno com uma ação pedagógica mais ampla, a escola não apenas interveio na situação, mas também atuou de forma preventiva, contribuindo para a formação de uma consciência digital crítica desde a infância.

Além disso, a instituição realizou o encaminhamento dos alunos para atendimento com a equipe psicossocial, reconhecendo a importância de um acompanhamento especializado. As famílias foram convocadas a participar desse processo, sendo orientadas quanto à necessidade de apoio psicológico, reforçando a parceria entre escola e responsáveis como elemento fundamental para o desenvolvimento saudável da criança.

Essas práticas evidenciam que a atuação escolar, quando pautada na escuta, no acolhimento e na intencionalidade pedagógica, contribui significativamente para a ressignificação de comportamentos. Assim, a escola se consolida não apenas como espaço de ensino, mas como um ambiente de cuidado, mediação e desenvolvimento integral do sujeito, no qual compreender o comportamento do aluno é também um caminho para promover aprendizagens mais significativas e humanas.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A análise das situações apresentadas permite compreender que o comportamento escolar, muitas vezes rotulado como indisciplina, pode revelar necessidades emocionais profundas que exigem da escola um olhar mais sensível e investigativo. Reduzir tais manifestações a simples descumprimento de regras pode não apenas limitar a compreensão do aluno, mas também comprometer intervenções pedagógicas mais eficazes e humanizadas.

Os casos discutidos evidenciam que fatores externos, como experiências de perda e exposição precoce a conteúdos inadequados, impactam diretamente o desenvolvimento emocional das crianças, refletindo-se em suas atitudes no ambiente escolar. Nesse sentido, torna-se fundamental reconhecer que o comportamento é também uma forma de comunicação, muitas vezes marcada por aquilo que o aluno ainda não consegue expressar verbalmente.

Diante desse cenário, a escola precisa assumir, de forma intencional, seu papel na formação integral do sujeito, promovendo práticas que articulem acolhimento, escuta e estabelecimento de limites. Não se trata de substituir a disciplina pelo acolhimento, mas de compreender que ambos devem caminhar de forma equilibrada, garantindo ao aluno segurança emocional e orientação adequada.

Como propostas, destaca-se a importância da implementação de projetos contínuos voltados ao desenvolvimento socioemocional dos alunos, favorecendo a construção de competências como empatia, respeito e autorregulação. Além disso, ações educativas relacionadas ao uso consciente da tecnologia mostram-se essenciais diante da realidade digital vivenciada pelas crianças, contribuindo para a formação de uma postura crítica e responsável no acesso à informação.

Outro aspecto fundamental refere-se ao fortalecimento da parceria entre escola e família, bem como ao encaminhamento, quando necessário, para acompanhamento psicossocial, reconhecendo que determinadas demandas ultrapassam o âmbito pedagógico e requerem intervenção especializada.

Por fim, compreender o comportamento escolar para além da indisciplina implica repensar práticas, ampliar olhares e reconhecer o aluno em sua totalidade. Assim, a escola se consolida como um espaço que não apenas ensina conteúdos, mas que também acolhe, orienta e contribui para a formação de sujeitos mais conscientes, equilibrados e preparados para os desafios da vida em sociedade.

## **REFERÊNCIAS**

- VYGOTSKY, Lev S. A formação social da mente. São Paulo: Martins Fontes, 1991.
- WALLON, Henri. A evolução psicológica da criança. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- LIBÂNEO, José Carlos. Didática. São Paulo: Cortez, 1994.